

REPENSANDO A FORMAÇÃO ACADÊMICA E A ATUAÇÃO PROFISSIONAL DO NUTRICIONISTA : UM ESTUDO COM OS EGRESSOS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS (UFG)

Nilce Maria da Silva Campos COSTA¹

RESUMO

Este estudo mostra a avaliação realizada pelos nutricionistas graduados da Universidade Federal de Goiás, Brasil, sobre aspectos determinantes da formação acadêmica e sua relação com a prática profissional, visando obter a realimentação da formação através da avaliação desenvolvida pelos egressos. Os dados coletados representam informações extraídas de questionários aplicados aos ex-alunos, graduados no período compreendido entre 1979 e 1992, abordando as unidades temáticas: avaliação sobre a formação acadêmica em relação às necessidades do mercado de trabalho, fatores positivos do curso considerados facilitadores do exercício profissional e dificuldades encontradas na prática profissional decorrentes de falhas no curso de graduação. A análise dos dados evidencia que as dificuldades indicadas pelos egressos no exercício

⁽¹⁾ Nutricionista, Mestranda em Educação Escolar Brasileira/FE/UFG, Professora Adjunta do Departamento de Nutrição da Faculdade de Enfermagem e Nutrição da Universidade Federal de Goiás, Rua 227, quadra 68, Setor Leste Universitário, 74605-080 Goiânia, GO.

profissional guardam estreita relação com as falhas apontadas na formação recebida, ressaltando-se a falta de experiência prática e a dissociação entre teoria e prática, como os aspectos mais relevantes. O estudo contribui para a reflexão sobre a necessidade de se repensar a formação acadêmica, ao mesmo tempo em que possibilita a identificação de caminhos para esta discussão, à luz da prática profissional.

Termos de Indexação: nutricionista, prática profissional, área de atuação profissional, educação, curriculum.

ABSTRACT

RETHINKING ACADEMIC FORMATION AND PROFESSIONAL ACTIVITY OF DIETITIAN: A STUDY WITH EGRESSES FROM "UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS" (UFG), BRAZIL

The nutritionists graduated from Universidade Federal de Goiás, Brazil, evaluate determinant aspects of academic formation and its relationship with professional practice, aiming to get the feedback of formation through the activities performed by the egresses. Data obtained represent information gotten from questionnaires applied to the surveyed group, consisted nutritionists graduated in the period of 1979-1992. It was performed an evaluation of the positive factors of formation considered points that facilitate the professional activity and the main difficulties found in practicing because of lacks in graduated course. The main lacks pointed out by the egresses were insufficiency of practical experience and dissociation between theory and practice. Data analysis shows that difficulties faced by the nutritionists in professional activity have close relation with the pointed out lacks in formation, which is being considered insufficient to the necessities of the market. The present study obtains subsidies to think about the necessity of rethinking academic formation while it makes possible to identify new routes for improvement based on professional practice.

Index terms: nutritionist, professional practice, professional practice location, education, curriculum.

1. INTRODUÇÃO

A origem do profissional nutricionista no Brasil, nos remete à década de trinta, quando o chamado Estado Nacional começa a adquirir contornos mais firmes, com preocupações políticas no sentido de atender aos anseios prioritários da população com a Revolução de 30, que desencadeia no país um processo de modernização. No final daquela década, o país mergulha no Estado Novo de Getúlio Vargas, regime ditatorial sem disfarces. Acompanhando este período, nasce a preocupação nacionalista por parte do Estado, como forma de embasamento social para sua manutenção no poder. Nesse contexto, surge no Brasil uma política social extremamente marcada pelo assistencialismo, quando são criados os cursos de Nutrição, nascidos à sombra do Estado, como vontade governamental (BARBOSA, 1983; PRADO & ABREU, 1991). Os nutricionistas, então dietistas, oriundos daqueles cursos, constituem-se em mais um instrumento de alívio de tensões sociais, através da administração da alimentação para o trabalhador (YPIRANGA, 1981, 1991a).

A formação do profissional nutricionista no Brasil data da década de quarenta, sendo que até os anos setentas é formado apenas nas regiões Sudeste e Nordeste. A partir da reforma universitária, ocorre a expansão do ensino superior no Brasil, com um conseqüente aumento do número de vagas e criação de novos cursos de Nutrição (YPIRANGA, 1981; GIL, 1986; BARRETO, 1993).

As discussões sobre a formação acadêmica do nutricionista surgem na década de setenta, com a realização do "I Diagnóstico dos Cursos de Nutrição", promovido pelo Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição (INAN), cujos resultados foram discutidos em Garanhuns (PE) em 1975. Após a grande expansão dos cursos de Nutrição naquela década, verifica-se, segundo YPIRANGA (1991b) e ASSOCIAÇÃO... (1992), que os anos oitentas se pautaram como momento de discussão sobre a formação, estimuladas por eventos nacionais como o "II Diagnóstico dos Cursos de Nutrição" (MEC/INAN/FEBRAN, 1981), o "I Seminário Nacional de Ensino da Nutrição" (Brasília, 1982) e o "II Seminário Nacional sobre o Ensino de Nutrição" (FEBRAN, Salvador, 1987).

Os estudos sobre a situação e o perfil profissional surgem mais recentemente, como os realizados por BOOG et al., (1988b, 1989); PRADO & ABREU (1991); ROTEMBERG & PRADO (1991), dentre outros. O processo de formação dentro de uma perspectiva histórico social também tem sido submetido a discussões aprofundadas, como as desenvolvidas por BOSI (1988), SANTOS (1988) e BARRETO (1993).

A formação do nutricionista em Goiás iniciou-se com a criação do curso de Nutrição da Universidade Federal de Goiás (UFG) em 1975, o segundo da região Centro-Oeste. A grade curricular atualmente em vigor é resultado da reformulação desencadeada a partir da implantação do regime seriado na UFG em 1982, vindo como estímulo aos estudos sobre a busca da episteme do curso e à definição do profissional a ser formado, reforçando a necessidade de se discutir e rever o papel a ser desempenhado pelo nutricionista na sociedade brasileira.

Constata-se, porém, que o curso de Nutrição da UFG, única entidade formadora deste profissional no Estado, nunca estudou seus egressos formados desde 1979. São quinze anos de atuação no mercado de trabalho e ainda não se obteve a desejável retroalimentação da formação através da prática desenvolvida pelo profissional.

Assim sendo, esta investigação tem como questão norteadora obter junto ao egresso do curso de Nutrição da UFG, a avaliação acerca da formação acadêmica e de sua relação com a prática profissional, através da identificação dos pontos positivos e negativos da formação que influenciam no exercício da profissão². Com isso pretende-se obter elementos para a reflexão sobre o nutricionista formado desde a primeira turma, no ano de 1979 até a de 1992, na tentativa de visualizar novos caminhos para o aprimoramento desta formação. Acreditamos que este trabalho discute a prática possível frente ao processo construído no decorrer da formação, sendo o seu conhecimento uma das pré-condições para sua transformação.

(2) Este estudo é parte integrante de pesquisa mais ampla sobre os egressos de Nutrição da UFG, na qual estão sendo aprofundadas e discutidas questões relacionadas ao mercado de trabalho e à atuação profissional do nutricionista.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Constituiu-se do levantamento do número total de nutricionistas graduados pela UFG no período de 1979 a 1992. A relação dos egressos, por ano de formatura, obteve-se através da secretaria da Faculdade de Enfermagem e Nutrição (FEN). Buscou-se em seguida a localização dos endereços, fornecidos pelo Conselho Regional de Nutricionistas - 1ª região (CRN-1) e também pelo Departamento de Nutrição (DNUT/FEN/UFG). Para alguns endereços ainda assim não localizados, por motivo de mudança de Estado ou País, realizou-se contatos pessoais com colegas de turma e/ou familiares, procedimento que permitiu ampliar o número obtido.

Elaborou-se o instrumento para coleta de dados constando de um questionário que explorava as seguintes unidades temáticas: 1) formação acadêmica e 2) atuação profissional. Após validação mediante estudo piloto e dos ajustes necessários, enviou-se o instrumento aos egressos, via serviço postal, exceção feita aos docentes do DNUT/FEN/UFG, que o receberam em mãos. Acompanhando o questionário seguiram carta explicativa da pesquisa e envelope selado e subscrito para devolução. Esta fase constituiu-se na mais longa do trabalho, pois o retorno do material ocorreu em período variável de uma semana a dois meses. Realizou-se então a análise das informações recebidas em relação às unidades temáticas de estudo, obtendo-se eixos aglutinadores comuns acerca da avaliação dos nutricionistas quanto à formação acadêmica e sua relação com a atuação profissional.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O universo da pesquisa constituiu-se de 124 nutricionistas graduados pela UFG com endereço disponível. Recebeu-se a devolução de 64 questionários devidamente preenchidos, representando 42,10% dos nutricionistas formados durante o período de abrangência deste estudo, de 1979 a 1992 (Tabela 1).

Tabela 1. Distribuição da população estudada, segundo ano de formatura (UFG, egressos de Nutrição, 1979-1992).

Ano	Egressos		Formandos		Localizados		Pesquisados	
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%
1979 - 1982	35	77,14	27	77,14	13	37,14	13	37,14
1983 - 1986	48	79,17	38	79,17	16	33,33	16	33,33
1987 - 1990	38	78,95	30	78,95	14	36,84	14	36,84
1991 - 1992	31	93,55	29	93,55	15	48,39	15	48,39
Não especificados (*)	-	-	-	-	6	-	6	-
Total	152	81,58	124	81,58	64	42,10	64	42,10

(*) Referem-se aos nutricionistas pesquisados que não especificaram o ano de formatura.

3.1 Formação acadêmica

3.1.1 Avaliação sobre a formação acadêmica

A maioria dos ex-alunos considera que a formação fornecida pela UFG atende às necessidades do mercado de trabalho. Porém, 48,44% dos pesquisados colocam que “atende parcialmente”, enquanto 45,32% se referem ao atendimento total do curso em relação ao mercado, o que pode ser observado através da Tabela 2. Esta percepção é influenciada pelas áreas de atuação profissional, conforme mostrado na Tabela 3.

Tabela 2. Avaliação sobre a formação acadêmica, em relação ao atendimento às necessidades do mercado de trabalho (UFG, egressos de Nutrição, 1979-1992).

Avaliação	Frequência	
	nº	%
Atende plenamente	29	45,32
Atende parcialmente	31	48,44
Supera expectativas	2	3,12
Não atende	2	3,12
Total	64	100,00

Dentre os que consideram que o curso atende plenamente as expectativas em relação ao mercado de trabalho, o maior percentual é referido pelos nutricionistas que trabalham com Nutrição Clínica, seguido por aqueles que atuam em mais de uma área profissional e em terceiro lugar pelos que atuam especificamente em Alimentação Institucional. Dos que atuam em Saúde Pública, apenas 20% consideram que o curso atende plenamente o esperado pelo mercado de trabalho. Observa-se que, nas áreas de atuação onde as funções do nutricionista estão bem definidas, como é o caso da Alimentação

Tabela 3. Avaliação do curso de Nutrição em relação às necessidades do mercado de trabalho, segundo as áreas de atuação profissional (UFG, egressos de Nutrição, 1979-1992).

Área de atuação Atendimento ao mercado de trabalho	Nutrição Clínica	Alimentação Institucional	Saúde Pública	Ensino	Mais de uma área (1)	Outra ocupação (2)	Desem- pregados		
								%	
Pleno	66,66	50,00	20,00	28,60	53,85	12,50	50,00		
Parcial	26,67	50,00	80,00	71,40	38,46	75,00	25,00		
Supera expectativas	-	-	-	-	-	12,50	25,00		
Nenhum	6,67	-	-	-	7,69	-	-		
Total	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00		

(1) Trabalham em duas ou três áreas de atuação do nutricionista: Alimentação Institucional, Nutrição Clínica, Saúde Pública, Ensino de Nível Superior.

(2) Não exercem a profissão, porém, possuem outra ocupação remunerada, como por exemplo: comércio, marketing, .

Institucional e da Nutrição Clínica, os ex-alunos têm uma avaliação do curso diferenciada dos que atuam em Saúde Pública, onde apenas 20% consideram o pleno atendimento das necessidades do mercado de trabalho. Pode-se pensar então que, para atuar em Saúde Pública, onde o trabalho ainda não se encontra bem definido, “*onde o objetivo de trabalho é difuso*”, de acordo com BOOG et al. (1988a), o nutricionista sente falta de um direcionamento mais preciso durante o curso de graduação.

Dos que referem o atendimento parcial do curso às necessidades do mercado de trabalho, a maioria também é constituída pelos que se encontram exercendo a profissão na área de Saúde Pública.

Como era de se esperar, tanto as opiniões extremamente favoráveis que consideram que o curso supera as expectativas, quanto as desfavoráveis que negam ao curso a possibilidade do atendimento às expectativas do mercado de trabalho são inexpressivas, ou seja, 3,12% para cada opinião. Estes dados permitem dizer que o curso conta com uma avaliação satisfatória por parte dos ex-alunos, o que ainda poderá ser percebido no decorrer do trabalho.

3.1.2 Fatores positivos do curso de Nutrição

Na Tabela 4 observa-se que, apesar das várias referências aos fatores positivos do curso, não se obteve qualquer deles apontados pela maioria dos egressos. Nota-se a falta de consenso em relação a esses pontos dispersos em grande número de itens assinalados em frequência reduzida.

Entre os aspectos mais significativos foram ressaltados os estágios curriculares, algumas disciplinas, os professores e a formação teórica fornecida pelo curso. Entre as disciplinas, as mais destacadas são os estágios em Alimentação Institucional, Nutrição Social e Nutrição Clínica, os quais são realizados em diversos locais, “*evidenciando*

grupos diferentes, permitindo solucionar problemas vários", além do "conhecimento, segurança e responsabilidade transmitidos", segundo um egresso que atua em Alimentação Institucional.

Tabela 4. Pontos positivos da graduação, facilitadores do exercício profissional (UFG, egressos de Nutrição, 1979-1992).

Principais pontos positivos	Frequência	
	nº	%
Estágios curriculares	15	20,55
Algumas disciplinas	14	19,18
Dedicação dos professores	9	12,33
Formação teórica	7	9,59
Visão global das áreas de atuação	4	5,48
Pesquisa	2	2,74
Currículo	2	2,74
Visão crítica da área de saúde no Brasil	2	2,74
Extensão universitária	2	2,74
Aulas práticas	2	2,74
Outros	14	19,17
Total	73	100,00

Em relação aos docentes menciona-se sua dedicação e esforço em suprir as carências do curso e a boa vontade na orientação dos alunos. Assim, colocou uma ex-aluna, também da área de Alimentação Institucional, "*a garra, a dedicação e responsabilidade transmitida pelo corpo de professores, nos fortaleceram a enfrentar as dificuldades encontradas no mercado de trabalho*", demonstrando que a atuação dos professores tem servido de exemplo e estímulo ao bom desempenho na vida profissional.

Considera-se ainda, em proporção menor: visão global das áreas de atuação do profissional, participação em pesquisas, currículo, visão da área da Saúde no Brasil, extensão universitária, participação em eventos científicos, segurança para a atuação profissional, tempo de duração do curso, contato multiprofissional, base para especialização, diversificação de conhecimentos, relacionamento profissional/paciente, participação nos processos políticos da Universidade, ética profissional e a supervisão de estágios realizada pelos preceptores.

Vale ressaltar um ponto positivo destacado por um nutricionista que trabalha em Saúde Pública, que percebe a Universidade como uma instituição cujas funções vão além das de repassar conhecimentos específicos: *“Uma das melhores coisas para a minha vida pessoal e profissional foi ter participado politicamente de todos os processos que envolveram o curso, o movimento estudantil, etc”*. Esta citação demonstra que a vivência na universidade tem permitido o desenvolvimento de uma visão crítica por parte de alguns alunos, contraditoriamente aos aspectos negativos que serão mostrados a seguir.

3.1.3 Pontos frágeis do curso de Nutrição

Quando questionados sobre a existência de pontos frágeis no curso, 86% dos egressos responderam afirmativamente, apesar de anteriormente (Tabela 2) a formação ter sido considerada satisfatória pela maioria, demonstrando que as falhas existentes são passíveis de superação, através da prática profissional. BOOG et al. (1989) consideram que as maiores dificuldades ao bom desempenho profissional residem principalmente no mercado de trabalho, um campo novo onde o nutricionista tem que conquistar seu espaço, do que na deficiência da formação recebida.

Os principais pontos frágeis são encontrados na Tabela 5. Observa-se que o principal deles está relacionado com a parte prática do curso, nos seguintes aspectos: carga horária insuficiente para a

prática, muita teoria e pouca prática e dissociação entre teoria e prática. Foram frequentes as citações como: “*gostaria de ter feito mais estágios*”, ou ainda, “*a pouca prática se resolve com o famoso jogo de cintura*”.

Tabela 5. Pontos frágeis no curso de graduação em Nutrição (UFG, egressos de Nutrição, 1979-1992).

Principais pontos frágeis	Frequência	
	nº	%
Tempo insuficiente dedicado à prática	31	36,90
Qualificação e atuação docente	16	19,05
Conteúdo de algumas disciplinas	13	15,48
Deficiências da Universidade	10	11,90
Estrutura curricular	9	10,72
Outros	5	5,95
Total	84	100,00

Os ex-alunos se ressentem tanto do tempo dedicado à prática, considerado insuficiente, quanto da dissociação entre teoria e prática quando apontam: “*a teoria às vezes não se enquadra na prática quando levada sob forma de orientação para a coletividade*”. O curso é considerado com muita teoria por alguns que se queixam: “*quando nos formamos somos muito teóricos*”.

Verifica-se que a principal preocupação dos nutricionistas quando se formam é em se considerarem preparados para atender às exigências do mercado de trabalho, encarando a vivência proporcionada pela formação acadêmica na universidade como insuficiente para tal.

O ex-aluno responsabiliza a falta de prática durante o curso por suas dificuldades, como se a sua ação no mercado de

trabalho se resumisse a reproduzir. Isto fica evidente quando um deles escreve: *"Por não ter havido prática profissional durante o estágio, não tive condições de atuar adequadamente"*. É como se a prática não precisasse ser aprendida a cada situação nova, mas apenas executada, sem a exigência de esforço mental para tal. Parece que o estágio é o treinamento para o mercado de trabalho e quanto mais horas de "treino", melhor o rendimento. O nutricionista formado encara a profissão apenas como técnica a ser executada, através de caminhos já trilhados por outros com segurança, prontos para serem repetidos, admitindo-se no máximo adaptações.

É importante ressaltar porém, que um único egresso dentre os pesquisados, mostra uma posição mais amadurecida, quando coloca que as falhas existentes na graduação não são exclusivas dos cursos de Nutrição: *"Todo curso tem falhas: a formação só se completa no decorrer do exercício profissional"*. Esta consideração, realizada por nutricionista que atua em Saúde Pública, pode nos levar a pensar acerca de uma melhor visão da totalidade social, na dependência das áreas de atuação. No entanto, outros estudos serão necessários para o esclarecimento desta interrelação.

Os pesquisados também se referem à baixa qualificação dos docentes do curso e à atuação dos professores, com referência às deficiências na supervisão dos estágios e à falta de direcionamento de algumas disciplinas para o curso, além da falta de desenvolvimento de espírito crítico durante o mesmo.

Chama atenção a questão da formação de professores, pois a qualificação sempre constituiu-se em prioridade do curso de Nutrição, que no seu início contava com número bastante reduzido de docentes. Verifica-se evolução em relação ao corpo docente, tanto no aspecto quantitativo, quanto no qualitativo, quando atualmente a maioria é constituída por mestres, mestrandos e doutorandos.

Ainda não conseguimos que o aluno saia da universidade com certo nível de maturidade intelectual, etapa na qual todo questionamento traz a possibilidade de criação de conhecimentos.

Tentam se desvencilhar da responsabilidade sobre a sua própria atuação no mercado de trabalho, responsabilizando o curso e seus professores pelas dificuldades que se lhes apresentam no exercício profissional.

Outro ponto frágil considerado é o conteúdo insuficiente de algumas disciplinas, como o de bioquímica, estatística, fisiopatologia, dietoterapia e nutrição infantil, dentre outras. Também se referem à falta de conteúdos considerados como os mais atuais em Nutrição, como: informática aplicada, nutrição esportiva, exames laboratoriais, alimentação não convencional, relacionamento humano e leis trabalhistas.

Em relação às deficiências da universidade são ressaltadas: falta de recursos materiais e humanos, precariedade nos locais de estágio, número reduzido de docentes, greves e a falta de integração entre o hospital-escola e o curso de Nutrição. No que tange às deficiências de recursos materiais são apontadas as relativas à biblioteca e aos laboratórios necessários ao curso.

Quanto ao currículo, há referências à estrutura curricular como um todo e especificamente destaca-se a inexistência de algumas disciplinas como farmacologia, bioquímica de alimentos e química analítica, o número exagerado de disciplinas por série, a carga horária insuficiente em algumas disciplinas, e à desarticulação entre as três áreas básicas do ciclo profissional, ou seja, entre Alimentação Institucional, Nutrição em Saúde Pública e Nutrição Clínica.

3.2 Dificuldades encontradas na atuação profissional

A maioria dos ex-alunos considera que os pontos frágeis existentes na formação acadêmica acarretam dificuldades para a atuação profissional. As mais frequentes estão demonstradas na Tabela 6.

Tabela 6. Dificuldades encontradas no exercício profissional, decorrentes de falhas no curso de Nutrição (UFG, egressos de Nutrição, 1979-1992).

Dificuldades	Frequência	
	nº	%
Falta de experiência prática	31	48,44
Falta de preparo em algumas disciplinas	11	17,19
Dissociação entre teoria e prática	9	14,07
Insegurança no trabalho em equipe	3	4,69
Insegurança quanto à necessidade do nutricionista	2	3,12
Falta de adaptação aos serviços de alimentação	2	3,12
Insegurança para a realização de pós-graduação	2	3,12
Outros	3	4,69
Nenhuma	1	1,56
Total	64	100,00

A principal dificuldade referida pela maioria dos egressos é a falta de experiência prática, a qual coincide com a principal falha do curso, já indicada anteriormente. Foram várias as citações como: “*gostaria de ter feito mais estágios*”, ou ainda, “*a pouca prática se resolve com o famoso jogo de cintura*”.

Alguns consideram os estágios precários, principalmente pela sua duração, avaliada como insuficiente. Essa dificuldade foi apontada em todas as áreas de atuação do profissional, desdobrando-se na sugestão de maior carga horária destinada à prática no curso.

Com frequência líamos nos questionários : “*Achei o curso muito amplo, abrangente, mas de pouca profundidade em questões primordiais solicitadas no mercado de trabalho*” ou “*o estágio é o ponto mais importante da formação, é quando vou confrontar conhecimento e prática*”.

Foram citadas, também, disciplinas (Química, Bioquímica e Anatomia) consideradas com conteúdo insuficiente, o que acarreta dificuldades no momento da prática. Em relação às do ciclo profissional, as mencionadas são disciplinas do antigo regime de créditos, extinto em 1986, o que leva a supor que tais falhas não existam no atual regime seriado. Os egressos também se ressentem da falta de preparo em: informações sobre o programa de alimentação do trabalhador, administração de pessoal, relacionamento humano, leis trabalhistas, montagem de cozinhas industriais e lanchonetes e em áreas consideradas “atuais” em nutrição como alimentação não convencional e nutrição do atleta.

Em relação às dificuldades de atuação decorrentes da dissociação entre teoria e prática, considera-se que a atuação exigida pelo mercado de trabalho encontra-se distante do que é apresentado na universidade. Existe uma referência ao estágio em Alimentação Institucional que, no curso, é realizado em restaurantes de auto-gestão e na vida profissional a atuação principal se dá em concessionárias, as quais possuem filosofias de trabalho bastante diferenciadas.

Foram encontradas também referências à falta de reconhecimento da população sobre a profissão, dificuldade na realização de projetos de pesquisa e a pouca mobilização da categoria profissional.

Os resultados deste trabalho estão em concordância com os obtidos por BARRETO (1993) ao analisar o processo de formação do nutricionista no Brasil, quando a maioria dos pesquisados refere-se à divergência entre a formação teórica e a realidade da prática profissional.

3.2.2 Dificuldades encontradas no exercício profissional em relação às áreas de atuação do nutricionista

Quando se analisa as dificuldades encontradas na prática profissional, em relação a área de atuação dos ex-alunos, o que se

percebe é que as dificuldades referidas estão estreitamente relacionadas com a prática que executam. A visão que apresentam estão restritas ao seu fazer diário, às atividades específicas do trabalho que exercem no momento.

Assim, os que mais se ressentem da falta de experiência prática são os que trabalham em duas ou mais áreas (alimentação institucional, nutrição clínica, ensino de nível superior, entre outras) ao mesmo tempo.

Uma ex-aluna que atua em concessionária coloca: “os estágios se concentram mais na teoria [...], não nos dão uma visão real do serviço, do dia-a-dia, da rotina e das dificuldades ocasionais”.

Gostaríamos de ressaltar as palavras de um egresso que também se encontra atuando em uma concessionária: “*É gratificante aprender os mistérios da Nutrição... mas é uma situação desesperadora aplicar este conhecimento em um lugar real, diferente dos locais mostrados durante o curso de Nutrição. Na faculdade, tudo é bonito e interessante, mas a realidade é uma outra faculdade com duração mais curta*” (grifo do autor).

Os que trabalham na área de Nutrição Clínica³ queixam-se principalmente da falta de preparo em algumas disciplinas, como farmacologia, fisiopatologia, alimentação alternativa, alimentação do atleta, análise de exames laboratoriais e informática aplicada à Nutrição.

Os profissionais que se dedicam ao Ensino, isto é, os professores do Curso de Nutrição, se ressentem da inexperiência em docência⁴, bem como da falta de embasamento em algumas disciplinas e para a realização de pesquisas.

(3) Apesar deste artigo não pretender discutir o mercado de trabalho do nutricionista, os dados obtidos com a presente investigação demonstram como área majoritária de trabalho dos egressos da UFG a Nutrição Clínica, com atuação em hospitais, consultórios particulares e academias de ginástica.

(4) A falta de experiência em docência é uma realidade enfrentada não apenas pelos nutricionistas enfocados neste estudo, os egressos da UFG, mas por todos oriundos dos cursos de Nutrição que não possuem licenciatura, visto que a graduação em Nutrição não prepara o aluno para a docência.

Os profissionais da área de Saúde Pública queixam-se da falta de prática nesta área.

É importante ressaltar estes resultados, ou seja, a visão unilateral que o nutricionista tem de sua atuação, quando percebe o seu fazer em nível individual, perdendo a dimensão coletiva do exercício profissional.

Segundo KUENZER (1992), o perfil profissional definido pelo mercado de trabalho pode ser considerado “pobre”, enquanto reproduz a realidade tal qual ela se apresenta, produtora da unilateralidade do profissional. O nutricionista, portanto, é o que está sendo aqui mostrado, através de sua percepção da formação acadêmica, através das dificuldades e das pressões encontradas no mercado de trabalho. O nutricionista, porém, é também mais que isso, e os cursos devem pensar através desta realidade, no projeto de formação do indivíduo, do profissional e do cidadão que haverá de lidar com o mercado de trabalho. A reflexão acerca desta realidade torna-se imperativa.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados da presente investigação nos permitem levantar algumas questões que merecem ser discutidas em nível teórico quando se pretende desenvolver uma reflexão sobre a formação do profissional nutricionista. Uma delas é a própria “concepção de conhecimento”: para os egressos de Nutrição da UFG, fica claro que o conhecimento é algo a ser adquirido, como uma “mercadoria”, como se o ensino e a aprendizagem se reduzissem à mera reprodução de conhecimentos já produzidos em outros locais. O conhecimento não é percebido como algo que pode também ser criado, inclusive pelo aluno e depois pelo profissional, no seu local de trabalho.

O curso de Nutrição pretende preparar seus alunos para o exercício competente e compromissado da profissão. Para isso é

necessária uma formação acadêmica eficiente e crítica. A eficiência está relacionada ao domínio técnico da profissão englobando os conhecimentos específicos da área e os relativos ao fenômeno nutricional de uma forma mais abrangente, com a apreensão da realidade em que estamos inseridos na totalidade social. A crítica refere-se à formação de convicções a respeito da articulação da prática profissional com um projeto social mais amplo.

Outra questão que chama a atenção é a influência do mercado de trabalho: a percepção que os ex-alunos têm de sua formação acadêmica está diretamente relacionada com a atuação no mercado de trabalho. Isto é, o curso é questionado exatamente nos aspectos exigidos pelo mercado de trabalho. O nutricionista se preocupa com a sua atuação no nível individual numa sociedade competitiva, relegando a segundo plano a atuação em prol da maioria da população, o que teoricamente seria um dos objetivos do curso.

A partir destas questões, consideramos importante a reflexão teórica acerca desta realidade e perguntamos: como realizar um curso de nutrição voltado para os interesses da maioria da população? Como formar o nutricionista comprometido com a transformação da sociedade? É necessário dar um salto qualitativo na maneira de compreender o mundo, os homens, as relações entre os mesmos e a natureza, as relações de trabalho, ou seja, os fundamentos básicos que sustentam a estrutura da organização social.

A nutrição há muito deixou de ser vista como um fato meramente biológico. Parece-nos clara a impossibilidade de explicar o fenômeno da nutrição desta forma simplista. Se por um lado o estado nutricional de uma população pode ser descrito em sua dimensão biológica, não menos importante são as causas, a determinação deste estado, que só podem ser percebidas ao se ultrapassar o primeiro plano, evidenciando-se o social na relações dos indivíduos entre si e com a sociedade que os cerca. Essa mudança de enfoque no interior dos cursos de formação, conduz

evidentemente, a uma tomada de consciência da problemática social mais ampla e ao interesse pela atuação em defesa dos interesses dos excluídos. É necessário, porém, ter a clareza de que essa atuação além de técnica é também política.

Consideramos que a tomada de consciência é a primeira fase da transformação de atitudes dentro dos cursos, configurando-se como uma fase necessária mas não suficiente, uma vez que o processo não se esgota aí. Essa tomada de consciência se dá quando o educador/nutricionista se descobre como um trabalhador intelectual que defende os interesses dominantes. Avançar no sentido de não mais defender esses interesses, para colocar-se ao lado da classe trabalhadora que constitui a maioria da população, constitui-se no grande desafio.

A consciência política é que lhe confere a posição de cidadão e, portanto, o impele a participar ativamente da história do seu povo, através da defesa dos interesses da maioria. A consciência política, entretanto, não se dá apenas intelectualmente. A verdadeira tomada de consciência acontece na prática, através do contato direto e íntimo com os movimentos sociais dos trabalhadores, pois é relevante a compreensão acerca da importância da categoria profissional nas lutas pelas transformações sociais.

Na universidade, como professores e alunos, não podemos estar distantes da sociedade. Reconhecemos que comungamos desta dificuldade que é historicamente justificada visto que aprendemos a pensar ideologicamente. Essa dificuldade em pensar o real nos tem levado à crença ingênua de que realizar um curso de Nutrição voltado para os interesses da maioria da população consiste simplesmente em proclamar teoricamente o caráter político da nutrição e sua função de reprodutora das relações de dominação. Isso tem ocasionado uma supervalorização do elemento teórico, com a introdução nos currículos de novas disciplinas, consideradas da área social, porém de modo desarticulado, dificultando a transformação do nosso papel enquanto educadores, com vistas a uma prática mais coerente com os novos princípios.

Proclamar o caráter político da nutrição não é suficiente para assumir o papel político do nutricionista em defesa dos interesses dos dominados. A consciência desse caráter exige de nós uma transformação mais profunda na formação, que só será conseguida a partir do desvelamento da contradição presente no interior dos cursos, possibilitando vislumbrar novos caminhos na busca incessante em concretizar um sentido válido à nossa prática como nutricionista.

A melhoria dos cursos de formação, porém, não depende apenas da implementação de mudanças pedagógicas ou reformas curriculares; depende da proposta de alternativas e estratégias práticas capazes de instrumentalizar o aluno para o desenvolvimento do seu trabalho profissional. Deve-se considerar o trabalho como organizador curricular central e como forma de redefinir a questão da teoria e da prática na formação, pois é necessário abandonar a dicotomia entre teoria e prática e assumir a sua indissociabilidade. Os conteúdos ministrados devem estar relacionados com os problemas que a prática social apresenta no momento histórico atual. Deve-se trazer para dentro do processo de formação do nutricionista a real problemática nutricional da maior parte da população brasileira e comprometer o profissional com a resolução desta problemática.

A competência técnica é condição necessária para o profissional assumir um compromisso político. Se não tivermos qualidade teórica para intervir de acordo com as necessidades da realidade nos condenaremos ao uso repetitivo de fórmulas prontas e acabadas.

É importante atentar para a necessidade do trabalho coletivo e interdisciplinar no interior dos cursos e para o compromisso social dos mesmos vinculado a uma concepção sócio-histórica da profissão, compreendendo-a não como limitada aos moldes como está hoje, mas sim como expressão das necessidades das bases materiais de uma determinada sociedade e, portanto, que pode ser mudada à medida em que os períodos históricos vão mudando.

Acreditamos que sem uma análise crítica da realidade da formação, da prática profissional e da totalidade social, não conseguiremos caminhar em direção às mudanças necessárias na formação do nutricionista. E também que a contradição no interior dos

cursos jamais será superada, pois a escola é uma instância contraditória. E por isso deve ser bem utilizada, com o enfrentamento das forças de progresso e as conservadoras, trabalhando com planos concretos de ação, para que possamos obter uma verdadeira consciência acerca da realidade que nos rodeia, pré-condição para uma prática transformadora. Não basta termos uma visão clara da exploração capitalista: é necessário o comprometimento com um projeto de sociedade.

Acreditamos, portanto, que a universidade deve estar inserida no processo mais amplo da construção de uma nova cidadania e de uma nova sociedade, para que nossos egressos possam tornar-se instrumentos importantes no combate à fome e à miséria, à discriminação de toda natureza e à exclusão social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NUTRIÇÃO. **A formação do nutricionista no Brasil**: sinopse de estudos e diagnósticos realizados nas três últimas décadas. Brasília, 1992. 20p.
- BARBOSA, A. J. Evolução histórica dos cursos de nutrição. **Alimentação e Nutrição**, São Paulo, v.4, n.11, p.52-55, 1983.
- BARRETO, I. **Sociedade, saúde e a formação do nutricionista**. Goiânia: [s.n.], 1993, 303p. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar Brasileira) - Universidade Federal de Goiás, 1993. (mimeografado).
- BOOG, M.C.F., WOLKOFF, D.B., GARCIA, R.W.D., ARRIVILLAGA, R.K. Avaliação do Curso de Nutrição. **Revista de Nutrição da PUCCAMP**, Campinas, v.1, n.1, p.55-87, 1988a.
- _____, RODRIGUES, K.R.M., SILVA, S.M.F. Situação profissional dos nutricionistas egressos da PUCCAMP. I: áreas de atuação, estabilidade, abandono da profissão, desemprego. **Revista de Nutrição da PUCCAMP**, Campinas, v.1, n.2, p.139-152, 1988b.

-
- Situação profissional dos nutricionistas egressos da PUCCAMP. II: relações hierárquicas, atuação profissional [...] e filiação a entidades de classes. **Revista de Nutrição da PUCCAMP**, Campinas, v.2, n.1, p.55-87, 1989.
- BOSI, M. L. M. **A face oculta da nutrição: ciência e ideologia**. Rio de Janeiro : Espaço e Tempo, 1988. 220p.
- GIL, M. F. **Recursos humanos no Brasil: nutricionistas**. Brasília : Ministério da Saúde, 1986. 17p. (Documento elaborado para a I Conferência Nacional de Recursos Humanos para a Saúde).
- KUENZER, A. Z. **Para estudar o trabalho como princípio educativo e categorias teórico-metodológicas**. Curitiba, 1992 209p. (Trabalho elaborado para Concurso de professor titular - Universidade Federal do Paraná) (Mimeografado).
- PRADO, S., ABREU, M. Nutricionista: onde trabalha? Quais suas condições de trabalho? **Revista de Nutrição da PUCCAMP**, Campinas, v.4, n.1/2, p.65-82, 1991.
- ROTEMBERG, S., PRADO, S. Nutricionistas: quem somos? **Revista de Nutrição da PUCCAMP**, Campinas, v.4, n.1/2, p.40-64, 1991.
- SANTOS, S. M. C. **Nutricionista e sociedade brasileira: elementos para abordagem histórico social da profissão**. Salvador : [s.n.], 1988, 226p. Dissertação (Mestrado em Saúde Comunitária) - Universidade Federal da Bahia. 1988. (Mimeografado).
- YPIRANGA, L. Formação profissional do nutricionista: histórico dos cursos e currículos. **Alimentação e Nutrição**, São Paulo, v.2, n.5, p.58-60, 1981.
-
- O ensino superior e a saúde no Brasil: o caso da Nutrição**. Campinas, 1991a. 9p. (Trabalho apresentado no Curso de Especialização em Planejamento e Gerenciamento em Saúde da Faculdade de Ciências Médicas, PUCCAMP).

_____ . **O nutricionista no Brasil:** contribuição para a análise e projeção da formação no nutricionista-dietista na América Latina. In: REUNIÃO DA COMISSÃO DE ESTUDOS SOBRE PROGRAMAS ACADÊMICOS EM NUTRIÇÃO E DIETÉTICA DA AMÉRICA LATINA, 4., 1991, San Juan, Porto Rico. Anais... San Juan, Porto Rico : CEPANDAL, 1991b. 15p.

Trabalho recebido para publicação em 5 de junho de 1995 e aceito em 2 de maio de 1996.